

## APRESENTAÇÃO

A Revista ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS é editada regularmente desde da década de oitenta. Criada e editada pelo antigo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA), hoje ela coeditada pelos dois programas em que aquele se dividiu: o Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) e o Programa de Pesquisa em Literatura e Cultura (PPGLitCult), sendo que cada novo número lançado semestralmente tem editoria de um dos respectivos programas do Instituto de Letras da UFBA.

Para este número foi proposto como tema “Poesia e crítica cultural”, para o qual se abriu a chamada para receber artigos. A ideia é trazer a poesia para dialogar amplamente com o incremento que a crítica da cultura sofreu na última década, um pouco também ao modo proposto por Giorgio Agamben em texto já bastante conhecido da atual bibliografia crítica – “O que é o contemporâneo?” – em que o filósofo traz sugestivamente o poeta como figura exemplar do sujeito contemporâneo. Os artigos recebidos possuem um pouco de tudo, e, talvez por isso, representam bem essa ideia inicial.

Começamos por “Texto movente: instabilidade textual na tradição de Gregório de Matos e Guerra”, artigo de Marcello Moreira, renomado estudioso das letras coloniais brasileiras, sobretudo por redefinir o estatuto do *corpus* do poeta baiano e coordenar, junto com João Adolfo Hansen, uma nova edição em 5 volumes da sua obra, baseada em novos e provocadores critérios filológicos. Um pouco disso aparece no artigo que publicamos com alegria.

Assim como Gregório de Matos não publicou livro em vida, o mesmo se deu com o poeta português Cesário Verde, considerado mesmo assim fundador da poesia moderna em Portugal. Se a literatura moderna nasce da crise, a poesia moderna tem justamente no livro um dos seus lugares de crise, arrastando consigo também a crise da autoria. É esse o debate que Silvio Cesar dos Santos Alves propõe em “A crise dum ocidental: Cesário Verde e a impossibilidade do ‘Livro’”. Mas se Cesário Verde é contemporâneo do projeto mallarmaico do Livro como Natureza Total (e impossível), outro poeta português, Al Berto, é estudado por

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS

Número 51 (1/2015) – ISSN: 2176-4794

<http://www.estudos.ufba.br>

Gustavo Cerqueira Guimarães, em “Al Berto, poeta-editor: as margens da poesia”, demonstrando exemplarmente caminhos para estudarmos poetas como sujeitos da multidão que buscam alternativas artisticamente criativas ao discurso homogeneizante do mercado, editorial ou outro.

Em outro diapasão, Gustavo Scudeller, por sua vez, mapeia pontualmente em “*Épos, épico e epopeia: notas sobre o alargamento da noção de épico na crítica da poesia brasileira do século XX*” a presença de elementos do discurso épico no pensamento crítico de poetas brasileiros do século XX que flertaram com o gênero em questão, como Haroldo de Campos e Gerardo Mello Mourão. Da mesma forma, como o discurso épico nasce fundamentalmente como político, Gerson Luiza Roani e Rodrigo Corrêa Machado avaliarão a força política da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen em “A emergência de abril em *O nome das coisas*”, seu livro escrito em torno da Revolução dos Cravos portugueses em 1974, com a deposição do regime fascista de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano.

A partir do artigo “Paulo Henriques Brito e a angústia do sentido”, de Eduardo Horta Nassif Veras, doutorado pela UNICAMP, migramos decididamente para a poesia contemporânea brasileira, em plena efervescência e diversidade de formas e poéticas. O artigo avalia um dos mais prestigiados nomes dessa poesia, tanto pelo apuro formal com que o também importante tradutor exercita seus poemas, quanto pela própria crise da linguagem poética na modernidade, por ele exemplificada, e que o artigo estuda de modo cuidadoso. Depois passamos para o intenso e provocador poeta sergipano Araripe Coutinho, estudado por Thiago Martins Prado no artigo “Araripe Coutinho: sexualidade e usos de Deus”, onde a clave místico-erótica evidencia as principais linhas de força da poética de Araripe.

A poesia de Araripe nos lembra que não se pode comprar fé e misticismo, ao contrário do que percebemos nos tempos que correm, pois ambos estão sempre encharcados de sua outra face transgressoramente sexual e pecaminosa. Mas mesmo assim, a poesia contemporânea brasileira tem buscado penetrar (não tão surdamente assim) no reino da cultura pop, com suas referências consumíveis no mercado das imagens e reelaboradas em versos caracterizados pelo prazer de olhar. É o que nos propõe Antônio Eduardo Soares Laranjeira em “Considerações sobre poesia contemporânea e cultura pop”. Depois, uma pergunta simples de Geraldo Augusto Fernandes gera uma didática reflexão sobre o gênero

lítico em um poema de Ferreira Gullar em “Poema obscuro: haveria lirismo na poesia social?”.

Finalmente, os textos de Gustavo Ribeiro e Paulo Caetano, se detendo sobre a moderna poesia brasileira fecham o volume. Na sessão VÁRIA, temos ainda um artigo de Vinícius Mariano de Carvalho, que aprecia com rigor e profundidade as idas e vindas do samba, no último livro de Paulo Lins.

São 12 artigos compondo este número de ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, e todos eles, a sua maneira, propõem debates sobre aspectos da cultura contemporânea que vão da autoria, do sentido e das formas do livro à pulsão escópica e ao gozo presente na pletera das imagens que a cultura visual vem produzindo em série. A eles o Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura decidiu também – dado o tema deste número – prestar uma homenagem ao seu ex-aluno Alexandre Coutinho, poeta e artista performático, autor de um único livro de poemas, intitulado *Estudos do corpo* (Rio de Janeiro, 7 Letras, 2011), que em 2013 nos deixou a todos consternados com seu suicídio.

Assim, portanto, fechamos esta nova edição com a publicação de alguns de seus poemas, abertos com um texto de apresentação da professora do PPGLitCult, Ligia Telles, que o orientou em sua dissertação de mestrado sobre *Rútilo Nada*, de Hilda Hilst. Para Alexandre repetimos as palavras do poeta Vladimir Maiakóvski, endereçadas a outro poeta jovem, repentinamente desaparecido:

Até logo, até logo, companheiro  
Guardo-te no meu peito e te asseguro  
O nosso afastamento passageiro  
É sinal de um encontro no futuro.  
Adeus, amigo, sem mãos nem palavras.  
Não faças um sobrolho pensativo.  
Se morrer, nesta vida, não é novo,  
Tampouco há novidade em estar vivo.

Boa leitura!

Sandro Ornellas

Lisa Vasconcelos

*Comissão Editorial Estudos Linguísticos e Literários*

**ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS**

**Número 51 (1/2015) – ISSN: 2176-4794**

<http://www.estudos.ufba.br>